

# TOUCHEZ PAS AU GRISBI / 1954

*(O Último Golpe)*

um filme de Jacques Becker

**Realização:** Jacques Becker / **Argumento:** Jacques Becker, Maurice Griffe, Albert Simonin, segundo o romance homónimo de Albert Simonin / **Diálogos:** Albert Simonin / **Fotografia:** Pierre Montazel / **Direção Artística:** Jean d' Eaubonne / **Música:** Jean Wiener / **Montagem:** Marguerite Renoir / **Intérpretes:** JEAN GABIN (Max, le "Menteur"), René Dary (Riton), Paul Frankeur (Pierrot), Lino Ventura (Angelo), Paul Oettly (Oscar), Daniel Cauchy (Fifi), Michel Jourdan (Marco), Jean Riveyre (o porteiro), Paul Barge (Eugène), Robert Le Fort (um cliente), Jean Daurand, Jean Clarioux, René Hell (três clientes), Jeanne Moreau (Josy), Dora Doll (Lola), Delia Scala (a secretária), Marilyn Bufferd (Bessy), Gaby Basset (Marinette), Denise Clair (Mme Bouche), Dominique Davray (uma rapariga), Vittorio Sanipoli, Alain Bouvette.

**Produção:** Del Duca films (Paris), Antarès films (Roma) / **Cópia:** digital, preto e branco, legendado em português, 92 minutos / **Estreia Mundial:** Paris, 17 de Março de 1954 / **Estreia em Portugal:** Capitólio, em 28 de Setembro de 1956.

---

Se quase todos os filmes de Jacques Becker poderiam ser a confirmação do seu papel, geralmente esquecido, de um inovador no cinema francês, abrindo caminhos que outros percorreram (raramente com tanta felicidade), em poucos isso será tão evidente como em **Touchez pas au Grisbi**. Na década de 50, em França, não terá havido filme que tenha tido tanta influência como este. Há melhores (mas quais, para além dos Ophuls e do **Le Trou** que também é de Becker?) mas nenhum teve idêntico papel. Neste ponto só é comparável a **Les 400 Coups** (de 1959), mas este já pertence a outro "período" histórico do cinema francês.

Que papel, então, é esse de **Touchez pas au Grisbi**? Em primeiro lugar ele abre um género inteiramente novo em França, o filme do "milieu", aquilo que no cinema americano se chama filme "de gangsters". Mas há grandes diferenças, pelo menos ao começo, porque elas se vão esbatendo a pouco e pouco ao longo dos anos, procurando identificar-se cada vez mais com os modelos americanos, com os filmes "de espectáculo" de Henri Verneuil. Diferenças que têm a ver com uma certa "atmosfera" e com o recorte psicológico dos personagens. Mas a sua matriz é evidentemente americana, e o novo género foi "imposto" pela cultura do outro lado do Atlântico, coqueluche dos franceses depois da Libertação. Cinema e literatura americanos, que quase tinham desaparecido durante a Ocupação regressam em força e impõem modas. Os parisienses descobrem e apaixonam-se pelos filmes "negros" e pela literatura que lhe deu origem. Nasce uma colecção, "Série Noire", que acaba por dar o seu título ao género importado e a popularidade dos autores que divulga acaba por levar o cinema a tentar explorá-los e ao aparecimento de autores nacionais cultivando aquele género. No primeiro caso, a primeira incursão faz-se pelo humor, com as adaptações de Peter Cheyney por Bernard Borderie que revelaram um Eddie Constantine: **La Môme Vert-de-Gris/Ela É de Gritos** (1952) e **Les Femmes S'en Balacent/O Eterno Feminino** (1953). No segundo são conhecidos os "pastiches" de Boris Vian sob o nome de Vernon Sullivan. Mas estamos no campo do gozo ou da "homenagem". A "sério" é em 1953 que se verifica "le tournant decisif" com a aparição nas livrarias de **Touchez Pas au Grisbi**, com que se estreava um novo escritor de policiais que não se escondia atrás de pseudónimo americano para

vender o seu produto: Albert Simonin. O êxito do livro levou-o imediatamente ao cinema, felizmente às mãos de Jacques Becker. Ambos foram pioneiros nos seus campos. O êxito do livro abriu caminho a outros escritores, mesmo que a maioria se tenha revelado pouco imaginativa, limitando-se a explorar, de maneiras diferentes, a "novidade" do livro de Simonin: o uso de um calão específico, referenciado com o "milieu". Auguste le Breton foi outro dos cultores do género a partir do seu **Rififi**, a que se seguiu, entre outros, um José Giovanni que se tornou também cineasta. No campo do cinema o papel de **Touchez Pas au Grisbi** foi ainda mais sugestivo. De um momento para o outro os cinemas parisienses viram-se inundados de filmes tendo por tema o mundo do crime, com assaltos e ajustes de contas, de que um dos paradigmas é a adaptação de **Rififi** por Jules Dassin, um americano exilado em França por causa do maccarthismo. Henri Decoin e Gilles Grangier fizeram dois dos mais sugestivos, herdeiros do filme de Becker, respectivamente **Razzia sur la Chnouff/Caça aos Traficantes** e **Gas Oil** que têm em comum com **Touchez Pas au Grisbi** o nome do actor: Jean Gabin. Porque esta é a segunda "novidade" do filme de Becker. Com este filme o intérprete de **La Grande Illusion** retoma o seu lugar na vanguarda do cinema francês, depois de uma quase travessia do deserto que foram os anos 40, com uma fugaz e falhada passagem pelos EUA (terra de exílio) e uma série de filmes menores aquando do seu regresso. Em **Touchez Pas au Grisbi** ele é de novo o "grande senhor" do cinema francês, lugar que não deixará até morrer. Se em **Rendez Vous de Juillet** Becker lançava uma "nouvelle vague" de actores, em **Touchez Pas au Grisbi** para além de "recuperar" Gabin impõe um outro actor que se tornará figura incontornável do género, Lino Ventura (**Un Témoin Dans la Ville/Morte de Uma Testemunha**, de Edouard Molinaro) que se popularizará com as aventuras de um rival de Eddie Constantine, o agente secreto chamado de "Gorila", sendo também o traço de união para o policial dos anos 60 com o admirável **Le Deuxième Souffle**, de Jean Pierre Melville (o único e verdadeiro realizador "negro" do cinema francês). E tudo isto (praticamente) "à cause" de Becker.

Laurence Giavarani disse de Becker, nos "Cahiers du Cinema", que ele era o Hawks francês. Talvez nenhum outro filme possa sublinhar tanto essa comparação como **Touchez Pas...** tanto na forma narrativa como nas relações entre as personagens. **Touchez Pas au Grisbi** é um filme sobre a amizade entre homens, e neste campo o que mais imediatamente nos recorda é **Only Angels Have Wings, To Have and Have Not** e o posterior **Rio Bravo**. De facto, aquilo que imediatamente nos liga ao filme é a relação de Max "le menteur" com Riton, do mesmo calibre das que ligavam Cary Grant e Thomas Mitchell, Bogart e Brennan ou John Wayne e Dean Martin. Uma amizade que se dá sem pedir nada em troca. Quando Riton é raptado pelo bando de Angelo, Max não pensa duas vezes quando lhe sugerem a troca do amigo pelo ouro roubado. Anui imediatamente e o tempo que passa serve-lhe para preparar o contra-ataque, exactamente como o John T. Chance de **Rio Bravo**. Não digo que Hawks tenha visto o filme de Becker ou que haja qualquer influência deste, mas não há dúvida que se trata de situações muito semelhantes, inclusive na forma como a troca é feita. Mas é nos pequenos pormenores, nesse "realismo" tão típico de Becker, que as aproximações se destacam ainda mais. Max não censura as fraquezas do amigo mas não hesita em apontá-las. Ele é o elemento lúcido do grupo, sabe a idade que tem e não tem ilusões. Riton é aquele que não cresceu e, por isso, o mais vulnerável, julgando-se, contudo, o mais forte e protector. Como o Brennan de **To Have and Have Not**, protegido por Bogart e julgando protegê-lo. Depois temos ainda o combate entre os dois bandos, com as metralhadoras troando sobre os carros a alta velocidade, como o cinema francês nunca mostrara e evocando outras famosas "sinfonias de morte" em **Scarface**.

Podia-se dizer que **Touchez Pas au Grisbi** é um **Asphalt Jungle** filmado por Howard Hawks e interpretado por Cary Grant e Thomas Mitchell. E "traduzido" em francês por mestre Becker.

Manuel Cintra Ferreira

---

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico